

D. Leopoldina

CARTAS DE UMA IMPERATRIZ

seleção e transcrição das cartas
Bettina Kann e Patrícia Souza Lima

artigos
Andréa Slemian, André Roberto de A. Machado,
Bettina Kann, István Jancsó e Maria Rita Kehl

tradução
Guilherme João de Freitas Teixeira e
Tereza Maria Souza de Castro

coordenação editorial
Angel Bojadsen



Estação Liberdade

Apresentação

O projeto Leopoldina

O imaginário coletivo brasileiro esquece amiúde que o Brasil já teve uma família imperial, e portanto uma imperatriz, o que constitui indubitavelmente um fato marcante de nossa história. Uma imperatriz estrangeira, que veio ao Brasil por obra e ofício de um casamento arranjado entre famílias reais, sofreu um delicado processo de adaptação, teve um casamento atribulado e penoso, foi mãe do futuro imperador D. Pedro II, participou mais diretamente do que em geral admitido do processo de independência do País e de todo seu corolário de costuras políticas entre as casas reais européias — e nesse sentido as cartas dão uma preciosa luz —, e que faleceu amargurada e desgostosa aos 29 anos, deixando seis filhos. De tudo isso se tem conhecimento, ainda que fujam os detalhes.

O que se pretende nesta obra é dar a conhecer a imperatriz Leopoldina por meio das cartas de seu próprio punho, abrigadas em diversos acervos ao sabor dos respectivos destinatários. Grande parte delas é totalmente inédita, em especial as que se encontram nos acervos brasileiros. Constituem por exemplo verdadeira preciosidade as remetidas a D. Pedro I. Se de um lado demonstram cruamente as agruras de seu matrimônio, do outro mostram-na pedindo a seu marido que tome partido pela independência. Aquelas escritas a José Bonifácio nos revelam detalhes da secessão brasileira. Outras, dirigidas ao Marquês de Marialva, porta-voz da corte portuguesa nas questões de seu casamento, mostram Leopoldina aceitando de bom grado as regras de etiqueta a cumprir na rota de um casamento real. Há grande número de cartas destinadas a seu pai Francisco I, imperador austríaco, mas

no entanto sua correspondente preferida seria sua irmã e confidente Maria Luísa, a quem chamava simplesmente de Luísa e que se tornaria esposa de Napoleão em outro casamento de conveniência política, prática corriqueira na época, principalmente no que concerne a Casa dos Habsburgos. A circunstância destes dois destinatários privilegiados se encontrarem em Viena justifica o fato de os arquivos austríacos conterem o maior acervo de cartas da imperatriz, as quais, agora pela primeira vez, foram sistematicamente pesquisadas, transcritas e traduzidas para o português, perfazendo, com aquelas reunidas a partir de acervos brasileiros, o maior repertório de cartas de Leopoldina já publicado em qualquer lugar do mundo.

De um total de cerca de 850 cartas pesquisadas, selecionamos 315 para efeitos de publicação. Missivista de alta produção, mas, como não poderia deixar de ser, submetida às necessidades protocolares que sua condição lhe impunha, as cartas de Leopoldina variavam do trivial às de conteúdo crítico e de questões de Estado. Colocamos em foco sua correspondência dos anos de imperatriz, mas demos importância também às da jovem Leopoldina, importantes por revelarem os anos de formação de uma das filhas do imperador da Áustria, Estado multiétnico e cosmopolita essencialmente, o que se refletiria nos fundamentos da nação brasileira.

Optou-se por uma ordem cronológica para a disposição das cartas, favorecendo portanto a consolidação da personalidade de Leopoldina em detrimento do reordenamento temático, que de qualquer forma recobre uma juventude sobre a qual pesava uma única sombra, a de Napoleão, para prosseguir com as da travessia para o continente americano, as do aprendizado de uma vida nova em terras desconhecidas, as do casamento e das questões da corte, as da politização e da inserção no jogo das relações internacionais, e, assunto recorrente, as da saudade da terra natal e da família bem como de seu estado de profunda melancolia, pois intuía que não voltaria à Europa. Vemos as primeiras queixas sobre o matrimônio afluírem já em 1817, indo em tom crescente até o brado final de pesar no leito de morte. Voltaremos ao assunto a seguir.

Dividimos a presente obra em três partes, além dos anexos¹. A primeira apresenta uma pequena coletânea de ensaios visando a contextualizar

¹ Os anexos são compostos de um glossário de nomes próprios (nos textos, os nomes que aparecem com estrela (*) constam no glossário), a árvore genealógica de Leopoldina e D. Pedro I, uma cronologia de eventos ocorridos na Europa e na América, o registro de todas as cartas e o índice onomástico.

o leitor no período coberto pela breve vida de Leopoldina, bem como no universo de cartas que a arquiduquesa austríaca e depois imperatriz brasileira teve a inspiração de nos legar.

Os historiadores István Jancsó, especialista na questão da formação do Estado brasileiro e atualmente diretor do Instituto de Estudos Brasileiros da USP, e André Roberto de A. Machado, também professor na USP, nos apresentam uma reflexão sobre o século XIX esgarçado entre o Iluminismo e um ressurgimento romântico particularmente forte em Viena.

Bettina Kann, historiadora e bibliotecária titular da Biblioteca Nacional da Áustria e participante de primeira hora deste projeto, nos traz um breve apanhado da situação política na Áustria, contextualizando o império dos Habsburgos durante a juventude de Leopoldina, época que coincidiria com a guerra de vida e morte das quatro grandes monarquias européias, a própria Áustria, a Prússia, a Rússia e a Inglaterra, contra os ventos da Revolução Francesa, e a seguir, das ambições imperiais napoleônicas. É igualmente de sua autoria um texto dando nova luz sobre a própria vida da imperatriz antes de seu casamento com o herdeiro da Casa de Bragança e após sua partida da Europa rumo ao grande continente desconhecido, no qual destaca o interesse de Leopoldina pela natureza, no contexto inclusive de sua emancipação pessoal.

A também historiadora Andréa Slemian traça, à luz da correspondência, um painel de sua vida no Brasil e aprofunda a dinâmica que esta estabelece entre o privado e o público, entre a mulher e a princesa, e como cumpre na prática seu papel em defesa da “legitimidade monárquica” no Brasil num momento crucial de nossa vida política, ou, como diz a imperatriz, “fazer o sacrifício de ficar na América”.

Acima de tudo, a evolução da personalidade de Leopoldina é marcante, e sobre isso a psicanalista Maria Rita Kehl nos tece aqui preciosas considerações. Percorrendo as cartas, apreende-se claramente este enriquecimento no confronto com o desconhecido. A nosso ver, a possibilidade que nos é dada de acompanharmos esse amadurecimento permanece um dos méritos deste trabalho coletivo. No geral, fica uma sensação de grande choque na repentina passagem para a vida adulta, paralelamente a uma acentuada dependência de Leopoldina por parte de D. Pedro.

Andréa Slemian e a doutoranda em história social Patrícia Souza Lima ofereceram valiosa contribuição para a elaboração do caderno de ilustrações, que constitui a segunda parte desta obra. Nesse sentido,

termos acesso tanto aos arquivos brasileiros quanto austríacos foi de grande ajuda. Os desenhos de próprio punho revelando uma jovem Leopoldina ótima desenhista, ou o retrato da família imperial brasileira por Simplicio de Sá localizado por Patrícia num lar de crianças no Rio de Janeiro, ou ainda a série de estampas de Franz Frübeck, que veio ao Brasil em companhia da arquiduquesa, são aportes valiosos.

Mas voltemos às cartas de Leopoldina, terceira parte do livro e que perfazem a essência deste projeto. O Arquivo Nacional Austríaco e a Biblioteca Nacional da Áustria foram amplamente pesquisados por Bettina Kann, enquanto Patrícia fez o mesmo na Biblioteca Nacional, no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (Col. Alberto Lamego), no Museu Imperial de Petrópolis, no Instituto Histórico Geográfico Brasileiro e no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Recorremos também ao acervo da Biblioteca da Ajuda em Lisboa. Flávio Quintiliano e Tulio Kawata incumbiram-se da seleção e ordenamento das cartas, bem como da edição de texto, para o que contribuiu também a equipe desta editora.

Qualquer seleção a partir de uma base de dados muito extensa implica escolhas e descartes difíceis. O fato de a correspondência leopoldinense ser tão ampla no fim das contas acabou por nos facilitar o trabalho, pois em vez de operar por descarte, selecionamos o que havia de melhor. Pautamo-nos pelo interesse geral das cartas, em primeiro lugar levando em consideração a relevância do conteúdo de cada uma delas. Em segundo, priorizamos temas que pudessem contribuir para a pesquisa de pontos bem demarcados da trajetória individual de Leopoldina, mulher da corte destinada a um futuro de protagonismo político, bem maior do que o comumente reservado a uma princesa de família real. As próprias necessidades de constantes viagens de D. Pedro para apaziguar as diversas regiões do império brasileiro, como os eventos sucedendo na província de São Paulo nos idos de agosto e setembro de 1822, abriram um flanco no Rio de Janeiro no qual Leopoldina operou com determinação e teve forte presença. Sempre será motivo de discussão o grau de participação dela no processo de independência brasileiro, e várias cartas reforçam os indícios de um engajamento considerável; na verdade, revelam com clareza que Leopoldina pedia reiteradamente mais determinação a D. Pedro frente a Lisboa, uma Lisboa atingida por ideais liberalizantes com os quais a filha

do imperador austríaco Francisco I não podia coadunar por formação e por índole (carta a Francisco I, 7.6.1821; idem, 23.6.1822).

Paulatinamente, as cartas vão sendo mais diretas, se não peremptórias por momentos. As longas saudações protocolares se fazem cada vez mais raras. Ao mesmo tempo, nos surge a Leopoldina quase insufladora perante um D. Pedro indeciso e contemporizador (8.1.1822). Isso mesmo levando em conta que a correspondência era controlada, situação da qual estava ciente. Simultaneamente, a vemos idealizando um Brasil como potência que não era, com notável falta de realismo (10.4.1823), embora leituras e uma visão de mundo consolidada não lhe fizessem falta. De um lado, deixa-se impregnar de Voltaire, Rousseau e Goethe, do outro, professa um conservadorismo político a toda prova, defendendo sem meias palavras modelos monárquicos absolutistas frente às ameaças constitucionalistas e de reformas soprando no Porto e em Lisboa, ou ainda aplaudindo a restauração promovida a mão-de-ferro em Nápoles, onde foram alçados ao trono seus tios Leopoldo e Maria Clementina (a Francisco I, 7.6.1821). Como verificaremos nas contribuições a seguir, a opção de Leopoldina pela independência deve ser vista também sob o prisma da rejeição de uma Europa na qual sopravam aqueles ventos reformistas dos quais discordava.

Para além da progressiva perda de confiança no esposo, nos deparamos com uma Leopoldina carente por completo de confidentes e pessoas próximas no Brasil. Elogia nostalgicamente a “franqueza alemã”, alude aos “princípios austríacos”, ressalta que é alemã, portanto, “constante e teimosa” (a José Bonifácio, entre jan./ago. de 1822), o que contrapõe ao temperamento efusivo dos portugueses, tendo chegado a escrever que se “sente melhor entre os portugueses do que em meio à nobreza vienense” (a Luísa, 18.4.1817). Enaltece a bravura e o caráter nacional de um povo ao qual diz pertencer (a Joaquim Navarro de Andrade, 12 ou 17 de maio de 1818).

A fervorosa correspondência com Luísa se interrompe nos idos de 1822, o que vai de par com a conturbada situação política em terras brasileiras. Certa carta recebida em outubro será respondida em março seguinte — o que não é extraordinário, pois somando as travessias de ida e volta o percurso todo realmente tardara seis meses. De qualquer forma percebemos uma Leopoldina moldada na adversidade transformar-se num ente político (a José Bonifácio, jan./ago. de 1822; a Francisco I, 6.4.1823). É de se lamentar por outro lado não haver cartas das viagens

que fez a Minas Gerais (menção em 17.7.1822, ao Marquês de Marialva). Teriam sido de grande interesse, pois o estudo dos minérios a interessava sobremaneira, e é bom lembrar que a imperatriz estava imersa num caldo de cultura de artistas-viajantes.

A seguir, algumas considerações editoriais. Optamos por não publicar as 850 cartas repertoriadas e transcritas, pois resultaria numa leitura repetitiva. A edição da integralidade das cartas é uma obra que ainda poderá ser ensinada em suporte digital, uma vez que a parceria com o Itaú BBA possibilitou a transcrição e tradução do total das cartas conhecidas de Leopoldina. É possível que haja outras em coleções particulares, mas segundo Bettina Kann e Patrícia Lima, certamente seriam poucas.

Não abreviamos nenhuma das cartas apresentadas, pois, além do conteúdo em si, o leitor deve poder apreciar a forma das próprias: as sutilezas no endereçamento, nas formas de tratamento e nos votos finais. As flutuações de um “querido papai”, ou a amabilidade de um “Excelente José Bonifácio” ou o imperioso “Excelente Schäffer!”, ou ainda o terno “Adorada Luísa” representam bem mais do que meros formalismos, inclusive por não faltar sinceridade nas palavras de Leopoldina. Por sinal, repertoriamos nada menos do que nove formas de tratamento para a irmã, nas quais abundam os superlativos, tão caros à língua alemã: “caríssima adorada Luísa do coração”, “queridíssima caríssima Luísa” e assim por diante. Na tradução, nos esmeramos em manter estas nuances. (Vale observar que usamos colchetes com reticências quando realmente ficou impossível deciframos alguns trechos da escrita de Leopoldina.) Falando em etiqueta, as cartas revelam detalhes picarescos, como os odiados tapinhas nas costas de seu efusivo tio italiano Leopoldo, rei de Nápoles [Duas Sicílias] (a Luísa, 2.8.1816) e, mais seriamente, vemos como Leopoldina aplica diferentes níveis de transparência, ora avisando Luísa que não pode abordar tal ou tal assunto, ora avisando o correspondente que tal portador é seguro (a José Bonifácio, jan./ago. 1822). Mantém uma constante e acatada reserva frente a seu pai-imperador, mas com relação a seu marido-imperador a evolução é surpreendente e imbuída de uma dinâmica própria. A relação com o primeiro é respeitosa, formal e submissa ao extremo, mas com D. Pedro é diferente. Com o passar do tempo cresce a irritação e ela se permite reprimendas e admoestações — como quando lhe pede que date as cartas (10.4.1822) ou que seja mais assíduo em escrever, bem como que lhe dê um mínimo de atenção ou ainda provas de determinação política.

Olhando mais de perto as cartas, nos deparamos com uma escrita fina, graciosa e bem cuidada, que transpira determinação e espírito de organização. Algumas firulas de caligrafia, principalmente filetes emendando a última letra de uma palavra com a primeira da próxima, somem com o passar dos anos em proveito de uma escrita mais objetiva, mais condizente com seu novo estatuto imperial. Escreve fluentemente em francês e alemão, sendo o português permeado de palavras em italiano ou de divertidas aproximações fonéticas. Quanto ao inglês, é sofrível, situando-se na fronteira do inteligível. O idioma de maior correção é o francês, o que não surpreende, sendo esta a língua de ensino na corte, ao passo que o alemão era pouco consolidado literariamente, e menos ainda enquanto língua de Estado. É escrevendo em francês também que Leopoldina se permite alguns volteios mais espirituosos e bem-humorados. Seus erros ortográficos evidentemente se perderam na tradução das cartas, e por outro lado optamos por uma modernização da escrita em função da fluidez da leitura nas cartas originalmente redigidas em português. Mas em obra deste tipo não poderíamos omitir a escrita de próprio punho de Leopoldina, e a reprodução de um certo número de cartas permitirá ao leitor apreciar ele mesmo como a imperatriz brasileira se relacionava com papel, caneta e gramática, como dispunha suas palavras na página, como manejava os vários idiomas nos quais sua função lhe exigia se expressar.

Queríamos terminar agradecendo a todos os que contribuíram para a elaboração desta obra, os pesquisadores, historiadores, editores e colaboradores em geral dos dois lados do Atlântico, e em especial o Itaú BBA, que idealizou e fomentou este projeto desde os alicerces. Aqui eu não poderia deixar de fazer uma menção nominal a Fernão Bracher, que deu os impulsos decisivos ao longo de toda a empreitada.

Manifestamos gratidão especial para as seguintes instituições, fiéis guardiãs das cartas da Imperatriz Leopoldina e das imagens de época às quais recorreremos: Arquivo Nacional Austríaco; Biblioteca Nacional da Áustria; Museu Histórico-Artístico de Viena; Academia de Belas Artes de Viena; Biblioteca da Ajuda (Lisboa); Museu Imperial de Petrópolis; Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro); Museu Castro Maya (Rio de Janeiro); Educandário Romão Duarte (Rio de Janeiro); Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; Instituto Histórico e Geográfico de

São Paulo; Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (Coleção Alberto Lamego); Museu Paulista da Universidade de São Paulo.

Encerramos com votos de gratidão para Sonia Bracher, pela leitura atenta e sugestões oportunas; para Beatriz Bracher, pela camaradagem e cumplicidade editorial; e para Heinz Gruber, que constituiu o elo inicial entre as partes austríaca e brasileira deste projeto.

Angel Bojadsen